

*A CONSTRUÇÃO DO CAVALEIRO DA
ESPERANÇA: LUIZ CARLOS PRESTES
E O APRENDIZADO COMUNISTA NO
EXÍLIO LATINO-AMERICANO E
SOVIÉTICO ATRAVÉS DE
NARRATIVAS BIOGRÁFICAS (1927-
1934)*

The Construction of The Knight of Hope: Luiz Carlos
Prestes and the Communist Apprenticeship in Latin
American and Soviet Exile Through Biographical
Narratives (1927-1934)

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

A CONSTRUÇÃO DO CAVALEIRO DA ESPERANÇA: LUIZ CARLOS PRESTES E O
APRENDIZADO COMUNISTA NO EXÍLIO LATINO-AMERICANO E SOVIÉTICO
ATRAVÉS DE NARRATIVAS BIOGRÁFICAS (1927-1934)

THE CONSTRUCTION OF THE KNIGHT OF HOPE: LUIZ CARLOS PRESTES AND
THE COMMUNIST APPRENTICESHIP IN LATIN AMERICAN AND SOVIET EXILE
THROUGH BIOGRAPHICAL NARRATIVES (1927-1934)

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio¹

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar como quatro biógrafos de Luiz Carlos Prestes – Jorge Amado, Boris Koval, Daniel Aarão Reis Filho e Anita Leocadia Prestes –, problematizaram a questão da construção do Cavaleiro da Esperança dentro de suas narrativas biográficas, a partir de um olhar sobre o contexto que chamamos de aprendizado comunista de Prestes, no exílio na América Latina (Bolívia, Argentina e Uruguai), de 1927 a 1931, e na União Soviética, de 1931 e 1934. Partindo da ideia da adesão ao comunismo do biografado, pretendemos evidenciar as abordagens dos biógrafos sobre a transição da ideia de mito político tenentista para o mito político comunista, vinculado ao PCB.

Palavras-chave: Luiz Carlos Prestes; Biografias; Comunismo.

Abstract: The purpose of this article is to analyze how four biographers of Luiz Carlos Prestes – Jorge Amado, Boris Koval, Daniel Aarão Reis Filho and Anita Leocadia Prestes –, problematized the issue of the construction of the Cavaleiro da Esperança (Knight of Hope) within their biographical narratives, from a look at the context that we call Prestes' communist learning, in exile in Latin America (Bolivia, Argentina and Uruguay), from 1927 to 1931, and in the Soviet Union, from 1931 to 1934. Starting from the idea of the biographer's adherence to communism, we intend to highlight the biographers' approaches on the transition from the idea of tenentista political myth to the communist political myth, linked to the PCB.

Keywords: Luiz Carlos Prestes; Biographies; Communism.

¹ Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor da Secretária de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. E-mail: brunogaudencio@alumni.usp.com.br. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3025102552752830>.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar como quatro biógrafos de Luiz Carlos Prestes² – Jorge Amado (2011), Boris Koval (2007), Daniel Aarão Reis Filho (2014) e Anita Leocadia Prestes (2015) –, problematizaram a questão da construção do Cavaleiro da Esperança, dentro do contexto do que chamamos de aprendizado comunista de Prestes, no exílio na América Latina (Bolívia, Argentina e Uruguai), de 1927 a 1931 e na União Soviética, de 1931 e 1934.

Luiz Carlos Prestes (1898-1990) foi um dos nomes mais destacados no campo político brasileiro ao longo do século XX. De formação militar, principal personagem do movimento tenentista, líder da famosa Coluna Miguel Costa-Prestes, mais conhecida como Coluna Prestes, acabou por aderir ao comunismo no final da década de 1920, justamente no período de exílio, tornando-se entre os anos 1930 e 1970, uma espécie de sinônimo do principal partido de esquerda brasileiro na época, o Partido Comunista Brasileiro (PCB).

Dono de uma trajetória intensa e cheia de reviravoltas, Prestes foi biografado diversas vezes ao longo do século XX. A mais famosa narrativa biográfica foi produzida pelo reconhecido escritor Jorge Amado, lançada primeiramente na Argentina em 1942, durante seu exílio em Buenos Aires, com o título de *Vida de Luiz Carlos Prestes: el caballero de la esperanza*, pela Editora Claridad. A versão brasileira do mesmo livro, chamada de *O Cavaleiro da Esperança*, foi publicada no ano de 1945, quando o comunista já estava liberto da prisão. Neste meio termo,

² Optamos pelo uso do Z em detrimento do S, no nome do biografado, neste trabalho. Anita Leocadia Prestes se utiliza do Z, enquanto Jorge Amado e Daniel Aarão Reis se utilizam do S. Justificamos como necessidade de padronizar todas as referências do texto, deixando, evidentemente, aquelas transcritas das próprias narrativas biográficas.

diversas edições do mesmo livro foram lançadas no Brasil e no exterior, por diferentes editoras. A partir da década de 1980, outras tantas biografias foram sendo lançadas no Brasil.

Como forma de melhor operacionalizar nossas análises e objetivos, optamos por escolher quatro narrativas biográficas, ambas lançadas no Brasil no período entre 1945 e 2015. São elas: *O Cavaleiro da Esperança: vida de Luís Carlos Prestes*, do escritor Jorge Amado (1945); *Heroísmo Trágico do século XX: o destino de Luiz Carlos Prestes*, do historiador Boris Koval (2007); *Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos*, do historiador Daniel Aarão Reis (2014); e *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*, da historiadora Anita Leocadia Prestes³ (2015). Apresentaremos sucintamente cada uma delas.

A biografia *O Cavaleiro da Esperança: vida de Luís Carlos Prestes*, de Jorge Amado⁴, como já informamos, foi escrita originalmente em português e publicada em língua espanhola, em Buenos Aires, em 1942, pela Editorial Claridad⁵, com o título *La Vida de Luiz Carlos Prestes*, e traduzida por Pompeu Borges⁶. A primeira edição brasileira saiu em 1945, pela Editora Martins⁷,

³ Sobre a forma como o nome Leocadia aparece na maioria das referências, se encontra mais recorrentemente sem acento no primeiro “a”. Porém, observamos em alguns livros a presença do acento, como na capa dos livros *Anos Tormentosos* e *Os Militares e a Reação Republicana*. Optamos por deixar sem o acento, como se encontra no próprio título da biografia *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*.

⁴ Jorge Amado é o biógrafo mais conhecido de Luiz Carlos Prestes. Nascido em 1912, em Itabuna, Bahia, morou em diversas cidades brasileiras, entre elas Ilhéus, Salvador e Rio de Janeiro. Formou-se na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, porém sem atuar na profissão, se dedicou ao jornalismo e à literatura. Estreou como romancista com a obra *O País do Carnaval*, em 1932, tendo publicado outros tantos romances em sua trajetória. Tornou-se comunista praticamente na mesma época e atuou na Juventude Comunista. Em 1936 foi preso pela primeira vez como membro atuante da Aliança Nacional Libertadora (ANL). A partir dos anos de 1950, foi conquistando prestígio internacional, sendo um dos escritores brasileiros mais reconhecidos no mundo. Faleceu em Salvador, em 2001 (AGUIAR, 2018).

⁵ Editorial Claridad foi uma editora argentina fundada em 30 de janeiro de 1922 pelo espanhol Antonio Zamora. Localizava-se na rua Boedo, número 837, por isso um grupo de escritores que era destaque na Argentina nos anos 1920 ficou conhecido como o “grupo de Boedo”. Algumas das suas principais publicações foram as revistas *Pensadores* e os livros da coleção *Los Nuevos* (BELLOCCHIO, 2016).

⁶ Tomas Pompeu Acíoli Borges (1908-1986), engenheiro brasileiro, militante da Aliança Nacional Libertadora Nacional (ANL) nos anos 1930, foi exilado na França, Peru e, por último, na Argentina, onde traduziu a obra de Jorge Amado para o espanhol. Voltou ao Brasil em 1943, tendo trabalhado posteriormente em diversas funções na Fundação Getúlio Vargas, Banco do Nordeste e na Universidade de Brasília.

de São Paulo. As primeiras edições, no período de 1945 a 1956, continuaram sendo lançadas pela mesma editora, exceto a nona, publicada na Coleção Novos Horizontes, pela Editorial Vitória, pertencente ao PCB. Entretanto, a edição que utilizaremos neste texto é a de 2011, publicada pela Companhia das Letras, de São Paulo. Dividida em 50 capítulos e cinco partes e contendo 383 páginas em seu total, a obra procura reconstituir de forma poética a trajetória de Luiz Carlos Prestes (1898-1990), desde seu nascimento no Rio Grande do Sul, em 1898, até 1942, quando estava preso pelo regime do Estado Novo de Getúlio Vargas.

A segunda biografia que utilizaremos é *Heroísmo Trágico do Século XX: o destino de Luiz Carlos Prestes*, do historiador russo Boris Koval⁸, lançada originalmente em russo, em 2005, com o título *Tragicheskaia Gueroika XX Vieka – sudba Luissa Karllossa Prestessa*, pela Editora Nauka, de Moscou. No Brasil, foi publicada em 2007, em duas edições no mesmo ano, pela Editora Alfa-Ômega, de São Paulo, traduzida do russo por Clarice Lima Averina⁹. O livro é dividido em 10 longos capítulos, onde Boris Koval procura biografar Luiz Carlos Prestes, recompondo, de certa forma, a história do Brasil dos anos 1920 aos anos 1980.

⁷ A Editora Martins foi criada pelo livreiro José de Barros Martins no ano de 1939 a partir da livraria do mesmo nome, na cidade de São Paulo. Nos primeiros anos da editora, o responsável pelo departamento editorial foi o escritor e biógrafo Edgard Cavalheiro e sua fase mais proeminente foi justamente na década de 1940, quando publicou a obra de Jorge Amado.

⁸ O historiador e cientista político russo Boris Koval nasceu em Moscou em 1930. Formado em História, especializou-se em Estudos sobre a América Latina, com destaque para pesquisas sobre o Brasil. Na União Soviética, foi membro do Instituto da América Latina da Academia de Ciências da Rússia, tendo se doutorado em Ciências Históricas, além de ter atuado como professor da Academia de Ciências Naturais da Federação Russa e ter sido acadêmico da Academia Internacional de Cultura Portuguesa. Publicou alguns livros na Rússia, parte deles traduzidos para o português e o espanhol. No Brasil, começou a ser reconhecido no início dos anos 1980 através da publicação de dois livros, *A Grande Revolução de Outubro e a América Latina* (1980) e *História do Proletariado Brasileiro (1857-1967)* (1982), ambos lançados pela mesma editora, a Alfa-Ômega. Só em 2007 publicou *Heroísmo Trágico do Século XX: o destino de Luiz Carlos Prestes*. Faleceu em Moscou, em 2016 (HALLEWELL, 1985; DAVIDOV, 2007).

⁹ Clarice Lima Averina (1941-) é tradutora. Natural de Itararé-SP, foi estudante do curso de Estudos Orientais e de Russo, na USP, e da Faculdade de História da Universidade da Amizade dos Povos Patrice Lumumba. Morou na Rússia durante várias décadas, tendo trabalhado na Rádio Central de Moscou. De Boris Koval também traduziu *História do proletariado brasileiro – 1857 a 1967*, igualmente publicada pela Editora Alfa-Ômega.

A terceira biografia é *Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos*, do historiador Daniel Aarão Reis Filho¹⁰, publicada em 2014 pela Editora Companhia das Letras, de São Paulo. Dividida em 17 capítulos, mais um posfácio, além de conter três cadernos de imagens e um índice onomástico, em 536 páginas, a biografia não possui prefácio ou apresentação, contendo apenas um texto de orelha produzido pela editora.

A quarta e última biografia é *Luiz Carlos Prestes: um comunista Brasileiro*, de autoria da historiadora Anita Leocadia Prestes¹¹, publicada em 2015 pela Editora Boitempo, de São Paulo¹². Constituída de 19 capítulos, em 560 páginas, contém apresentação da autora, dois cadernos de fotografias, índice onomástico, além de texto de orelha (da autoria de José Luiz Del Rio) e de contracapa (do jornalista Fernando Moraes).

O FIM DA COLUNA MIGUEL COSTA-PRESTES E A CONSTRUÇÃO DO HEROI TENENTISTA NA AMÉRICA LATINA

A Coluna Miguel Costa-Prestes, mais conhecida como Coluna Prestes, foi uma marcha constituída por rebeldes que percorreram 25 mil quilômetros do território brasileiro entre os anos

¹⁰ O historiador Daniel Aarão Reis Filho nasceu no Rio de Janeiro em 1946. Professor titular de História Contemporânea na Universidade Federal Fluminense (UFF), doutorou-se em História Social na Universidade de São Paulo (USP) em 1987. A partir do final da década de 1960, participou do movimento estudantil e depois da luta armada contra a ditadura militar. É ex-militante da Dissidência da Guanabara (DIGB), que posteriormente nomeou-se Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), tendo sido preso e depois exilado na Europa e na África. Na França, graduou-se e fez mestrado em História na Universidade de Paris VII.

¹¹ A historiadora Anita Leocadia Prestes nasceu em Berlim, Alemanha, em 27 de novembro de 1936. É doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), em 1990, tendo elaborado sua tese sobre a Coluna Prestes, orientada por Maria Yedda Linhares. Depois de concursada como professora da Universidade Federal Fluminense (UFF), a historiadora foi transferida para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), tendo se aposentado em 2007. De 1994 até 2020, publicou duas dezenas de livros, quase todos dedicados à história do seu pai, da sua mãe e do PCB.

¹² Boitempo é uma editora de esquerda que conta com um catálogo amplo sobre temas políticos e identitários e que engloba autores internacionais e brasileiros, como Karl Marx, Friedrich Engels, Emir Sader, Michael Löwy, Angela Davis, entre outros, além de biografias de nomes do pensamento social e da atuação política como Caio Prado Júnior.

de 1925 e 1927, em combate ao governo de Arthur Bernardes. Percorreu o interior do Brasil entre os anos de 1925 e 1927 e procurou mobilizar a população brasileira contra o domínio oligárquico. Foi liderada por jovens oficiais de baixa e média patente do Exército brasileiro, em sua maioria tenentes. Geralmente caracterizado como uma epopeia, como *marcha invicta* ou *grande marcha*, a Coluna Prestes pode ser definida como o auge do chamado período tenentista. Podemos definir o *Tenentismo* como um movimento político-militar ocorrido entre as décadas de 1920 e 1930, no qual jovens oficiais de baixa e média patente do Exército Brasileiro coordenaram uma série de levantes em vários lugares do país (SILVA, 1964; CARONE, 1975).

Segundo Rodrigo Patto Sá Motta (2004), durante o período posterior à ação da Coluna, houve o reconhecimento público de Luiz Carlos Prestes como o “Cavaleiro da Esperança”. Esta projeção ocorreu principalmente nos noticiários cariocas, que tendiam a exaltar a figura do jovem capitão, transformando-o em um herói nacional. Surgiu, naquele momento, uma narrativa mitológica que seria bastante agenciada durante o processo de crise nos anos finais da chamada República Velha (1927-1930).

Após a desarticulação da marcha, Luiz Carlos Prestes exilou-se primeiramente na Bolívia e depois na Argentina e no Uruguai, entre os anos de 1927 e 1931. Neste momento, tornou-se figura central nas articulações políticas de oposição, que procuravam acabar com as oligarquias que concentravam o poder no país desde o final do século XIX. A opção do mesmo, a partir de 1927, pelo comunismo, causou, em várias camadas da sociedade, surpresa e indignação e uma ruptura complexa no seio do movimento tenentista.

Os biógrafos são unânimes em pensar que foi o momento de maior visibilidade de Prestes, tendo se tornado em pouco tempo uma nova figura pública através de periódicos brasileiros. Para Koval (2007, p. 112), “por estranho que pareça, mas somente nessa etapa de extinção do movimento revolucionário rebelde, surgiu um verdadeiro interesse da sociedade brasileira pelo tenentismo. Prestes começou a se transformar num símbolo da revolução”.

Entre os jornalistas e órgãos de imprensa carioca que estiveram na Bolívia, um se destacou: Rafael Correia de Oliveira. Em abril de 1927, o repórter d'*O Jornal*, pertencente ao Diários Associados de Assis Chateaubriand, conseguiu uma entrevista marcante com o líder revolucionário. Outro jornalista, Luís Amaral¹³, do jornal *O Globo*, também esteve meses depois na Bolívia. Entre as matérias de maior projeção nacional, Aarão Reis (2014) destaca a primeira, publicada n'*O Jornal*, assinada justamente por Rafael Correia de Oliveira:

A matéria jornalística não poupava elogios ao “general”. Sua capacidade de comando, de manter “uma disciplina de quartel” sem “uma aspereza, sem gestos violento, sem uma palavra crespá”. Suscitava a devoção e “a dedicação cega” dos comandados, e isso só era possível porque, segundo os homens que o repórter ouvia, todos respeitavam como o chefe inquestionável da Coluna (REIS FILHO, 2014, p. 110).

O ponto-chave da abordagem de Aarão Reis é a ideia de construção mítica: “a reportagem ecoava um processo disseminado no país desde que a censura fora suspensa: a construção do mito Prestes” (REIS FILHO, 2014, p. 110). Foi o momento da consolidação do nome *Cavaleiro da Esperança*. Para o historiador, a expressão foi usada pela primeira vez por Isidoro Dias Lopes, inspirado na figura de Hoche, da Revolução Francesa, conhecido como *Le Chevalier de L'Espérance*¹⁴:

De origem pobre, soldado aos dezesseis anos, general aos 25, morto aos 29, ele simbolizara a determinação, o espírito prático (*le choses, pas les mots*: ‘as coisas, não as palavras’), a coragem e a generosidade da juventude revolucionária (REIS FILHO, 2014, p. 110).

¹³ Houve ainda as matérias escritas pelo jornalista Barreto Leite Filho, de *O Jornal*, desta vez na Argentina.

¹⁴ Louis Lazare Hoche (1768-1797) foi um soldado francês que se tornou general do Exército revolucionário. Ele obteve uma vitória sobre as forças realistas na Bretanha. Seu sobrenome é um dos nomes inscritos sob o Arco do Triunfo, na Coluna 3.

Entre os outros biógrafos, a origem do nome *Cavaleiro da Esperança* tem diferentes motivações. Para Jorge Amado (2011), a alcunha foi dada durante a travessia da Coluna: “o povo desesperado do Sertão, o povo de repente na festa da revolta, encontrou esse nome para ele. Esse povo revoltado do Sertão, amiga, deu-lhe o presente desse nome como um verso de amor” (AMADO, 2011, p. 99).

Quanto a Anita Leocadia Prestes (2015), ela especifica que “a expressão ‘Cavaleiro da Esperança’ foi lançada pelo jornal carioca *A Esquerda*, em 1925, em edição dedicada ao 30º aniversário de Prestes” (PRESTES, 2015, p. 100), ou seja, seria uma criação de um órgão de imprensa comunista e não ligado a analogias militares dos seus amigos tenentistas. Não foi uma invenção propriamente popular, apesar de que, a autora não nega o quanto a população abraçou a denominação.

De todos os biógrafos, Aarão Reis (2014) é o único que se dedicou a problematizar o processo de mitificação do seu biografado. Em determinado momento de sua análise, destaca que, além dos periódicos, espetáculos populares e teatros de revistas foram realizados em sua homenagem, principalmente no Rio de Janeiro:

No Teatro Carlos Gomes, no Rio de Janeiro, retumbava a super-revista *Viva a paz*. No Recreio, encenava-se *Prestes a chegar*, com Lia Binatti, a “arquigraciosa brasileira”. Os números bisados e trisados já o celebravam: “Lá vem o homem que eu gosto”, “À procura do barbado” ou “O homem, ele”. Um estudioso do Brasil comentaria, com ironia, que a sociedade que não quisera fazer a revolução se comprazia agora em “fazer” um herói revolucionário (REIS FILHO, 2014, p. 111).

Anita Leocadia Prestes (2015) prefere explicar do ponto de vista político os motivos que levaram o que chama de classes médias a se interessar pelo jovem militar gaúcho, sem discutir propriamente o âmbito da mitologia política:

As camadas médias urbanas, em especial, vibraram com a figura de Prestes: surgia e consolidava-se a imagem do Cavaleiro da Esperança, cujo “gênio” glorificado em incontáveis editoriais, artigos e reportagens nos jornais da época. Prestes virara mito, e sua figura passava a ser a encarnação das esperanças das populações urbanas, ansiosas por mudanças que não sabiam definir, mas confiantes que o Cavaleiro da Esperança, que havia vencido dezoito generais bernardistas, saberia conduzir o país pelo caminho da libertação e da prosperidade (PRESTES, 2015, p. 100).

Cabe aqui chamar atenção para a ausência de qualquer debate sobre o conceito de mitologia política na biografia *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*, de Anita Leocadia Prestes. Contudo, a historiadora, em obras anteriores, a exemplo do título *Os Comunistas Brasileiros (1945-1956/58): Luiz Carlos Prestes e a política do PCB* (2010), questiona autores como Bernadete Cavalcante (1986) e Rodrigo Pato Sá Motta (2002) sobre a aplicação da ideia de mito como sinônimo de uma criação “mítica” do PCB, produzida com intuito eleitoral. Porém, não nega que houve sim esse processo, justificando “a ignorância política” da década de 1940:

Em nosso país, existiam as condições propícias para a criação do “mito Prestes”. A miséria em que vegetava grande parte da população, o analfabetismo e o atraso cultural presentes no Brasil e, principalmente, a tradicional marginalização de numerosos setores populares de uma participação política efetiva na definição dos destinos da Nação – aspecto para o qual a repressão policial desempenhou sempre papel importante – condicionaram, em grande medida, o aparecimento de lideranças messiânicas e/ou de “salvadores da pátria” (PRESTES, 2010, p. 32).

Se, na biografia, Anita Leocadia Prestes não debate em nenhum momento a categoria mitologia política, por não ser seu objetivo, na obra citada acima, a historiadora parece reconhecer toda a lógica de produção mitológica de Luiz Carlos Prestes desde o fim da Coluna até às revoltas comunistas de 1935, quando houve oscilações no prestígio e na sua dimensão pública:

Luiz Carlos Prestes, desde 1927, quando fora proclamado pela imprensa do Rio de Janeiro o “Cavaleiro da Esperança”, dado seu imenso e reconhecido prestígio ao final do périplo da Coluna Invicta, passara a ser visto, por amplos os setores da sociedade brasileira, como o “salvador”, de quem se esperava a solução dos problemas nacionais.

(Prestes, 1997a: cap.X). Se tal expectativa declinaria abruptamente com seu Manifesto de Maio de 1930 (idem), ela viria a ressurgir com grande força nos anos se seguiram e, principalmente, com o avanço do movimento anti-fascista no país e a formação da Aliança Nacional Libertadora em 1935 (Prestes, 1997b, p. 33) (PRESTES, 2010, p. 33) (*sic*).

É perceptível o tratamento diferenciado de Daniel Aarão Reis (2014) ao tema, optando pela categorização mitológica de forma analítica para explicar a ideia de construção do seu biografado através da mídia da época¹⁵, enquanto Anita Leocadia Prestes (2015), apesar de contextualizar a mesma construção mitológica, se utiliza dos termos de forma naturalizada, obedecendo a certo pressuposto triunfalista do seu biografado.

Aqui cabe uma reflexão sobre o teor de heroicização de Luiz Carlos Prestes, pois houve neste momento o que chamamos de primeira fase da construção de uma mitologia política revolucionária em sua trajetória, quando foi fabricada uma ideia de *mito político tenentista*, que antecede a fabricação de um *mito político comunista*.

Os estudos sobre mitologia política no campo historiográfico compreendem que a relação entre história e mito constitui um desafio à reconstrução histórica e à análise sociológica, pois significa enfrentar um fenômeno, cuja maior propriedade seja, talvez, a de embaralhar estas dimensões¹⁶. Para aceitação e eficácia política, o mito político depende de uma crença comum

¹⁵ Semelhante a Aarão Reis, mas de forma um pouco mais acintosa, temos Davino Santos (1994), que viu no que ele chama de processo “endeusamento” do líder tenentista algo forjado pelos meios de comunicação da época. Para isso, se utilizou da argumentação de Agildo Barata, que afirmou em suas memórias que tudo começou na publicação de um artigo de Juarez Távora nos jornais, comentando o combate da Ramada, no Rio Grande do Sul, quando a Coluna conseguiu romper o cerco e avançou para Santa Catarina. O autor ainda faz referência ao Jornal *A Esquerda*, de Pedro Mota Lima, que publicou durante três dias uma entrevista de Prestes com Astrogildo Pereira. Segundo Santos (1994), “a campanha na imprensa popular e oposicionista para a criação de um salvador da pátria, durante anos, foi ininterrupta e intensa” (SANTOS, 1994, p. 39).

¹⁶ Exemplos são os trabalhos de Girardet (1987) e Carvalho (1990). Os dois autores consideram impossível traçar uma linha de demarcação precisa entre a fabulação legendária e o relato de ordem histórica. Porém, ambos assinalam que as construções mitológicas, quando relativas a pessoas humanas, guardam de alguma forma a marca da história. De todas as narrativas biográficas, a que mais carrega as marcas de seu tempo é justamente a obra de Jorge Amado (2011).

enraizada no imaginário preexistente ou presente em aspirações e projetos futuros. Nesta lógica, Luiz Carlos Prestes preenche claramente este ponto. Sua imagem ganha um caráter coletivo destas construções simbólicas, presente primeiramente na imprensa da época e depois sendo uma presença visível de certa manipulação voluntária. Inicialmente, a ideia esteve presente em grupos ideológicos ligados aos anseios que podemos chamar de liberais, representados pelos tenentistas; em seguida, pelos comunistas, quando o principal líder da Coluna aderiu ao marxismo, tendo se tornado não apenas membro do PCB, como também Secretário-Geral e símbolo máximo do partido.

Compreendemos que ao fim da Coluna Miguel Costa-Prestes, a figura pública de Prestes ganhou certa amplitude coletiva, tendo combinado vários sistemas de representações e imagens, e entrecruzado aspirações e exigências diversas. O que nos remete à reflexão de José Murilo de Carvalho (1990) sobre como os regimes políticos procuraram fabricar figuras como imagem e modelo da comunidade em um processo de “heroificação” [que] inclui necessariamente a transmutação da figura real, a fim de torná-la arquetípico de valores ou aspirações coletivas” (CARVALHO, 1990, p. 14).

Luiz Carlos Prestes, como Cavaleiro da Esperança, expressaria as aspirações coletivas de mudança no contexto de crise do regime oligárquico nos anos 1920. No caso das biografias, Jorge Amado (2011) estaria presente diretamente neste processo de mitificação, porém em outro contexto de fabricação, os anos 1940. Outro exemplo, além de Amado, é a narrativa do escritor Abguar Bastos (1986), que em 1946, pela Editora Calvino, do Rio de Janeiro, ligada ao Partido Comunista Brasileiro, lançou o livro *Prestes e a Revolução Social*. Neste ensaio social, o líder tenentista é visto como um herói popular nacional revolucionário, que “na fase republicana, supera em idolatria popular os heróis do nativismo” (BASTOS, 1986, p. 25-26). E assim como o biógrafo baiano, Bastos compreende que o militar gaúcho foi “elevado a mito pela idolatria pequeno burguesa, projetado no cenário político brasileiro como ser lendário, invencível pelo

mistério de suas proezas, Prestes deixa no ‘prestismo’ a sua lenda e volta ser homem no seio do proletariado” (BASTOS, 1986, p. 26).

A figura do *Salvador* como o herói catalisa todos os fervores da esperança coletiva, e é apresentado pelos biógrafos, principalmente Jorge Amado (2011) e Anita Leocadia Prestes (2015), durante o período de ação da Coluna Miguel Costa-Prestes. Concluída a marcha, temos o *tempo do apelo*, no qual surge a figura do *herói gravitas*, herói que apresenta a firmeza e a experiência na provação, a prudência, o sangue frio, o comedimento, a moderação, que seria moldado, quem sabe, como o novo tempo. Foi a partir desta lógica que Prestes, como a principal liderança dos tenentes, exilado em Buenos Aires, tornou-se uma imagem pública disputada como símbolo por diversos grupos políticos. As narrativas biográficas procuraram expressar essa disputa de forma diferente.

Jorge Amado (2011) ressalta que

Os revolucionários do Brasil, os partidos políticos do Brasil, os revolucionários de toda a América Latina, os políticos de toda a América, esperam-no com ansiedade. Ele é nesse momento o mais perfeito símbolo da angústia dos povos latino-americanos se rebelando contra os desmandos do poder (AMADO, 2011, p. 205).

Tal narrativa de Amado (2011) pode ser explicada pelo contexto em que o livro *Cavaleiro da Esperança* foi escrito e publicado por uma editora argentina, a *Claridad*, de circulação em praticamente todo o continente americano em 1942, quando Prestes estava preso pelo regime do Estado Novo e havia uma campanha internacional pela sua libertação. Ao afirmar que ele era considerado “a maior figura das revoluções americanas” (AMADO, 2011, p. 205), naquele momento Amado procurava mobilizar a solidariedade e ampliar a construção do mito revolucionário para o âmbito da América Latina.

LUIZ CARLOS PRESTES E A ADESÃO AO COMUNISMO

Logo que foi exilado na Bolívia, Prestes começou a ser disputado por diversos grupos, partidos e ideologias, tanto na Bolívia, como no seu período na Argentina. No início de 1928 Prestes se reuniu com Paulo Nogueira Filho¹⁷ e Assis Brasil¹⁸, o que marcou a primeira tentativa do recém-fundado Partido Libertador de construir uma aliança com o tenentismo para viabilizar a derrota das oligarquias tradicionais e a conquista do poder, porém a tentativa se tornou frustrada¹⁹.

Entre as aproximações políticas contidas nas narrativas biográficas, a que ganhou mais ênfase, devido aos desdobramentos futuros, foi o contato do líder tenentista com o PCB ainda na Bolívia (em La Guaíba, em 1927) por meio do seu Secretário-Geral, o jornalista Astrogildo Pereira. A memória deste evento é revestida de embates ideológicos que atravessam as concepções políticas do período, tocando em certas heranças simbólicas.

O intuito de Astrogildo Pereira naquele momento era entrevistar o líder da Coluna para o jornal *A Esquerda*, além de fazer a ele uma proposta de aproximação com os comunistas; para isso, lhe presenteou com alguns livros marxistas. Para Aarão Reis (2014), tal encontro simbolizou o primeiro contato de Prestes com as ideias comunistas. Porém, não é o que defendem os outros

¹⁷ Paulo Nogueira Filho (1898-1969) foi um advogado, político, escritor e diplomata brasileiro; propagandista da República. Foi um dos fundadores do Partido Libertador, deputado e membro da Junta governativa gaúcha de 1891.

¹⁸ Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938) foi um advogado, político, escritor, diplomata e estadista brasileiro; propagandista da República. Foi fundador do Partido Libertador, deputado e membro da Junta Governativa gaúcha de 1891.

¹⁹ Prestes propôs que houvesse um financiamento para arregimentação de soldados e a compra de armas e munições para serem destinadas para o comando militar da revolução. Entre os biógrafos, Koval é o que procura visibilizar mais intensamente a tentativa dos liberais em conquistar o líder da Coluna. Para o historiador russo, “Prestes tentava obter o apoio também de parte dos círculos moderados” (KOVAL, 2007, p. 115).

três biógrafos. Jorge Amado (2011) chega a omitir em seu relato o nome de Astrogildo Pereira²⁰. O autor baiano conta que Prestes recebeu de seus admiradores uma biblioteca, contendo livros de Ciências, Literatura e principalmente de Sociologia. Especificamente sobre as leituras marxistas, realizadas no exílio latino-americano, Amado resume: “já nesse tempo Prestes lia, numa ânsia de descoberta, literatura marxista. Em La Guáiba haviam chegado os primeiros livros. Na Argentina ele se enterrava neles, um mundo novo se lhe descortinava” (AMADO, 2011, p. 202).

Koval (2007) cita em sua narrativa a visita de Astrogildo Pereira, porém deixa claro que aquele não foi o primeiro contato do líder da Coluna com o PCB, nem com o marxismo, visto que em 1926, ainda durante a Coluna Miguel Costa-Prestes, o revolucionário gaúcho estava disposto a aceitar ajuda financeira até mesmo da Internacional Comunista.

Aarão Reis (2014) procura melhor contextualizar a visita de Astrogildo Pereira e a tentativa de aproximação do PCB com Prestes. Para isso, se apropria do próprio relato de Astrogildo Pereira, de Leôncio Basbaum e dos depoimentos de Prestes, afirmando que a ida de Pereira enfrentou resistências no PCB, tendo sido aprovada pelos outros membros somente depois de várias reuniões. De toda maneira, houve então, por parte de Pereira, o convite do PCB para o líder da Coluna aproximar-se do partido. Segundo o historiador, “o aparente rigor teórico cativou a inteligência matemática de Prestes. Entretanto, não quis se comprometer de imediato, nem isso lhe foi solicitado pelo tímido Astrogildo Pereira” (REIS FILHO, 2014, p. 117).

Anita Leocadia Prestes, assim como Amado e Koval, minimiza a importância de Astrogildo Pereira na adesão do chefe tenentista ao marxismo, o que parece corresponder à própria memória do seu biografado. A historiadora compreende que vários correspondentes de jornais brasileiros visitaram os combatentes da Coluna, “dentre eles, destacaram-se os jornalistas Rafael Correia de Oliveira – portador dos primeiros livros recebidos por Prestes na Bolívia” (PRESTES, 2015, p.

²⁰ Aqui cabe um esclarecimento: o apagamento de Astrogildo Pereira deve-se pelo fato do ex-secretário, desde o início dos anos 1930, ter sido proscrito pelo PCB, dado que se perpetuou entre as décadas de 1940 a 1970, quando o legado de Pereira começou a ser reconhecido por certa tradição menos ortodoxa do Partido.

103). Segundo a historiadora, Prestes afirmou sobre Astrogildo Pereira: “me trouxe alguns livros marxistas, além dos que eu já tinha recebido em Guaíba (...) Não levava proposta nenhuma (...) de maneira que a influência dele, propriamente, na minha marcha para o comunismo, foi relativamente pequena” (PRESTES, L. C., s/d apud PRESTES, A, L., 2015, p. 104).

Aproximando-se a eleição para a Presidência da República, em março de 1930, a disputa pelo apoio pela principal liderança tenentista entre a oposição às forças oligárquicas passava pelas diversas esferas políticas e ideológicas. O PCB buscou o apoio de Prestes, que propôs a sua candidatura à Presidência da República, tendo ido Paulo de Lacerda e Leôncio Basbaum até à Argentina para consultá-lo²¹. Até Getúlio Vargas, naquele momento presidente do Rio Grande do Sul, que aglutinaria em breve a Aliança Liberal, durante todo o ano de 1929 procurava mobilizar os tenentes para a sua causa.

A aproximação dos tenentes com Getúlio Vargas acabou por causar, pouco a pouco, uma tensão com Luiz Carlos Prestes. Cada vez mais tendente ao marxismo, em contato direto com o Partido Comunista Argentino (PCA), a resistência do revolucionário ao programa liberal desenvolvido pela Aliança Liberal chegou ao limite no contexto da proximidade da eleição de março de 1930. Eram candidatos de um lado Júlio Prestes, ex-presidente de São Paulo e indicado pelo presidente Washington Luiz e, de outro, Getúlio Vargas.

O ponto culminante e mais polêmico presente nas narrativas biográficas neste período foram as tentativas de Getúlio Vargas, durante o ano de 1929, em convencer Prestes em aderir ao seu programa liberal. Para isso, foram realizados, em Porto Alegre, duas reuniões secretas entre os dois. Na primeira, houve a promessa de um repasse de 800 contos de réis, que acabou sendo enviado em 1930, um pouco antes da eleição.

²¹ Segundo Koval (2007), houve esta proposta, porém Prestes não aceitou, “apesar de concordar com o programa eleitoral do Partido, porque me sentia ligado por compromissos morais em relação aos tenentistas e ainda não perdera a esperança de atraí-los para a posição revolucionária” (PRESTES, s/d apud KOVAL, 2007, p. 120).

A abordagem de Amado (2011) procura criar a ideia de que não houve estranheza alguma nos atos de aproximação de Prestes com Vargas, omitindo, inclusive, o segundo encontro entre os dois e resumindo consideravelmente o caso em seu final:

Getúlio Vargas envia-lhe dos cofres públicos do Rio Grande do Sul mil contos de réis, pensando obter seu apoio. Prestes deposita esse dinheiro num banco argentino. Esse é dinheiro dos cofres públicos para uma luta – pensa Prestes - não vai trazer benefícios reais ao povo brasileiro. Restituí-lo a Vargas é dilapidá-lo nessa revolução. Vargas vai despendê-lo na luta pelo poder (AMADO, 2011, p. 213).

Amado (2011) buscou desenvolver uma atitude de defesa do seu biografado, evitando qualquer questionamento ético sobre o episódio:

Prestes o deposita então num banco, nunca retira dele um só real para a sua vida ou para a vida dos companheiros, esse dinheiro fica intacto até 1935, quando vai ser utilizado no financiamento da Aliança Nacional Libertadora, isso é: quando vai ser útil ao povo brasileiro a quem pertencia (AMADO, 2011, p. 213).

Quanto a Koval (2007), ele procurou, por meio das memórias do seu biografado, detalhar como se deu o encontro com Vargas, em Porto Alegre, demonstrando a tensão existente no episódio. Como já referenciamos anteriormente, o biógrafo julga o seu biografado a todo o momento, e sugere que ele deveria ter tido outra postura: “Prestes tornou-se um general sem exército e, por isso, deveria ser mais condescendente. A posição de princípios confundiu todo o jogo” (KOVAL, 2007, p. 123). Sobre a segunda reunião entre Vargas e Prestes, ocorrida alguns meses depois, o historiador russo se tornou mais incisivo nas críticas, principalmente pelo fato de que foi o próprio tenentista quem procurou Vargas.

Quanto a Aarão Reis (2014), o biógrafo analisou as tentativas de negociação entre Vargas e Prestes dentro de uma concepção do jogo político. Segundo o historiador, antes do encontro, “a grande maioria dos camaradas da Coluna orientou-se por esse caminho e em consequência

começou a trabalhar, pressionando Prestes para que também participasse” (REIS FILHO, 2014, p. 124). Porém, a resposta do líder tenentista foi uma negativa contundente. Vargas, apoiado pelos camaradas, convidou o “Cavaleiro da Esperança” para ser chefe militar de uma eventual insurreição. No entanto, acabou aceitando um encontro com Getúlio Vargas. O historiador se utiliza da memória do seu biografado para avaliar: “muitos anos mais tarde” o que ele contou: “eu era terrivelmente sectário (...) a primeira coisa que disse a Getúlio foi que não estava ali para apoiar sua candidatura (...) jamais apoiarei a sua candidatura porque, se o senhor for eleito (...) irá fazer a mesma coisa que os outros” (PRESTES, s/d apud REIS FILHO, 2014, p. 124).

No segundo encontro com Vargas, “Prestes, de saída, esclareceu que não estava ali para falar de candidaturas, que desprezava, nem de eleições, nas quais não acreditava, e o disse com sua habitual firmeza – e rudeza. Queria saber dos recursos para a luta armada” (REIS FILHO, 2014, p. 127). O biógrafo, então, resume o caso: “conforme o acordado, pouco mais tarde houve a remessa dos dinheiros: ‘eu recebi 100 mil pesos uruguaios, cerca de oitocentos contos de réis, admitiu Prestes” (REIS FILHO, 2014, p. 127).

Sobre as conversas entre Prestes e Vargas, Anita Leocádia Prestes (2015) procurou apresentar os motivos e assumiu mais uma vez uma posição defensiva. Segundo a biógrafa, “diante dos insistentes apelos de seus camaradas, Prestes enfim viajou a Porto Alegre para encontrar-se com Vargas” (PRESTES, 2015, p. 117). Amparada no próprio depoimento do líder da Coluna, ela dá voz a seu biografado, quando este afirma: “resolvi ir falar com Getúlio com o objetivo de desmascará-lo” (PRESTES, 2015, p. 117). Para mostrar aos “tenentes que ele não queria fazer nenhuma revolução” (PRESTES, 2015, p. 117). Depois da tentativa de desmascará-lo, houve, então, a promessa de recursos para o movimento. A autora não questiona em nenhum momento a versão do pai e afirma:

Enquanto Prestes se esforçava por desmascarar Getúlio Vargas perante seus antigos camaradas, tentando ganhá-los para as posições comunistas eles aderiram ao candidato e

se subordinavam a seus ditames. A liderança de todo o movimento, legal e extralegal, passara para as mãos de Vargas e de próceres da Aliança Liberal. Alguns “tenentes” iam sendo virtualmente “comprados” por eles (PRESTES, 2015, p. 118).

Entre os anos de 1928 e 1930, uma série de acontecimentos turbinou a trajetória da principal liderança tenentista. As narrativas biográficas procuram destacar em maior ou menor intensidade as tensões existentes no processo de adesão ao comunismo por Prestes, bem como a ruptura com os seus companheiros de Coluna.

Ao aproximar-se das ideias comunistas, Prestes cada vez mais se distanciava dos seus antigos liderados, os tenentes. Em várias entrevistas utilizou a expressão de que ele que teria se transformado naquele momento em “um general sem soldados”. Para isso, as narrativas biográficas enfatizam quase sempre algumas reuniões ocorridas com os companheiros da Coluna, em Buenos Aires. Destaque para Aarão Reis (2014), que ao abordar a reunião entre as lideranças tenentistas, evidencia a repercussão do manifesto de Prestes. Elaborado antes da referida reunião, o texto defendia a ideia de uma verdadeira revolução “agrária e anti-imperialista”. Segundo o historiador, “os amigos, embora informados das evoluções de Prestes, não o imaginavam tão longe” (REIS FILHO, 2014, p. 133). Na mesma ocasião, Prestes teria informado que os 800 contos recebidos de Aranha seriam entregues aos representantes credenciados da Internacional Comunista para financiar a verdadeira revolução. Sobre o caso:

Miguel Costa zangou-se. Ameaçou dar um tiro em Prestes. Devia uma quantia a especialistas húngaros, contratados para transferir técnicas de lança-chamas, e contava pagar sacando do dinheiro doado. O clima azedou-se. Finalmente, Prestes aceitou em pagar a soma, mas o grosso ficaria em suas mãos, e não seria destinado a lutas “intraoligárquicas” (REIS FILHO, 2014, p. 133).

Aarão Reis (2014) é o único dos biógrafos a trazer uma versão crítica sobre o seu biografado, enfatizando os conflitos ocorridos na reunião. Segundo a narrativa de João Alberto Lins de Barros, Prestes usava de um “bisonho linguajar marxista”, de um tom de alguém que

queria ser “mais obedecido do que compreendido, parecendo um fanático” (BARROS, 1953 apud REIS FILHO, 2014, p. 134).

Prestes deu um prazo aos seus companheiros tenentistas de 30 dias para o texto ser divulgado. João Alberto e Siqueira teriam saído correndo dali para pegar um voo para o Brasil. O avião acabou caindo no Rio da Prata. Siqueira morreu. O ex-líder da Coluna desobrigou-se com os tenentes do prazo combinado e fez publicar o manifesto em 30 de maio de 1930.

Ao mesmo tempo em que se aproximava das ideias comunistas dentro do próprio PCB, mudanças significativas ocorriam a partir do ano de 1928. O Partido passou por um processo de proletarização, forçado pela Internacional Comunista (IC). As orientações da IC entendiam que os partidos comunistas deveriam adotar uma nova tática que previa uma espécie de depuração dos elementos pequeno-burgueses dos partidos, aproximando-se mais do proletariado; a estratégia ficou conhecida como “classe contra classe”. A consequência no PCB foi o rebaixamento de lideranças importantes da década de 1920, como Astrojildo Pereira e Octávio Brandão.

Desta forma, por sua origem burguesa, Prestes começou a ser acusado de pequeno burguês e, portanto, impróprio para as fileiras do PCB. Foi quando surgiu a figura de Guralski²², conhecido como *O Rústico*, responsável por acompanhar o ex-tenentista em seu aprendizado comunista. Cada um dos biógrafos apresenta que o aceite dos comunistas em relação a Prestes foi difícil. Koval (2007), por exemplo, analisa documentos (cartas, principalmente) numa coletânea chamada *Komintern e a América Latina*. Nelas há uma descrição das formas como Prestes reagiu às ideias do Partido²³.

²² Koval (2007) afirma que Rústico possuía vários nomes, porém era conhecido no Partido como Abram Guralsky (1890-1960).

²³ Em uma delas, Rústico afirma que o ex-líder tenentista estaria disposto a romper definitivamente com os liberais, ingressar no PC e aceitar todas as condições possíveis. Na mesma carta, Rústico tem dúvidas sobre a sinceridade de Prestes. “O próprio Rústico-Guralsky tinha uma posição dúplice: por um lado ele escreve que o ingresso de Prestes no Partido aumentará seu prestígio, por outro, expressa o receio de que o Partido possa cair sob a influência pequeno-burguesa” (KOVAL, 2007, p. 142) (*sic*). Em sua análise, Koval comenta: “acho que foi não sem a influência de Rústico que no CC do PCB a linha a recusa a unir-se a Prestes” (KOVAL, 2007, p. 142).

Koval critica as visões da Internacional Comunista e do PCB:

O principal erro do Komintern, do PCB e do próprio Prestes, que caíra na órbita de sua influência ideológica e política, consistiu na interpretação errônea do papel das camadas burguesas nacionalistas (por assim dizer semipatrióticas) no movimento de libertação (KOVAL, 2007, p. 155).

Nesta lógica, “os prestistas ficaram de fora da principal corrente de luta” (KOVAL, 2007, p. 156.) O biógrafo não esconde sua opinião de que a estratégia política daquele momento foi um “erro”. Em vez de preocupar-se em analisar o que ocorreu, o historiador preferiu conjecturar o que teria sido o futuro se as escolhas tivessem sido outras: “assim foi perdida a chance histórica de união política das forças comunistas, tenentistas e prestistas com as forças nacionalistas na aliança burguesa nacional. Não houve *kuomintang* amplo: ninguém o queria” (KOVAL, 2007, p. 156).

Koval (2007) também via criticamente a forma como o chefe da Coluna foi integrado aos ideais comunistas.

Prestes tornou-se propagandista apaixonado da ideia do Comitê Executivo do Komintern de erradicação de tudo o que havia de pequeno-burguês, isto é, da influência prestista no Partido. A autoflagelação adquiriu um caráter quase masoquista. Possivelmente, desse modo, Prestes queria mais uma vez revelar seu rompimento com o tenentismo histórico e passagem para as posições comunistas. Este método, porém, não convenceu o CC do PCB, de um lado, e abalou o prestígio moral do próprio Prestes, de outro. Ele perdia cada vez mais a antiga independência de pensamento e conduta. Infelizmente ele, sem compreender, renunciava com teimosia maníaca ao passado e demonstrava sua fidelidade à ideia comunista (KOVAL, 2007, p. 161).

O processo de adesão ao comunismo por parte do ex-líder tenentista, portanto, deve ser compreendido pelos biógrafos como paulatino e cheio de oscilações. A exceção é Anita Leocadia Prestes (2015), que compreendeu a opção de Prestes em ficar isolado como consciente e coerente, pois procurou não capitular frente às classes dominantes, tendo optado pelo “caminho da revolução socialista, o árduo caminho da luta junto aos explorados e aos oprimidos por uma

solução radical dos problemas sociais, pela extinção da exploração do homem pelo homem, pela conquista de justiça social” (PRESTES, 2015, p. 127).

A autora não esconde certo ressentimento em sua abordagem: “enquanto Prestes repudiava com firmeza qualquer adesão à Aliança Liberal – apoiado neste momento por Siqueira Campos –, a maioria dos ‘tenentes’ era atraída pela candidatura Vargas e aderindo à campanha dele” (PRESTES, 2015, p. 115). A historiadora procura ainda justificar os motivos da adesão dos tenentes à Aliança Liberal a partir de questões sociais e ideológicas, características do marxismo, afirmando que ambos (Vargas e os tenentes) eram ideologicamente laudatórios das classes dominantes.

A FORMAÇÃO DO SUJEITO SOVIÉTICO: O EXÍLIO EUROPEU DE PRESTES

Em 07 de novembro de 1931, Luiz Carlos Prestes, sua mãe e irmãs chegaram à União Soviética, a convite do Secretariado Latino-Americano da Internacional Comunista. A ida para o país comunista fazia parte de um projeto de transformar o “Cavaleiro da Esperança” em uma liderança comunista sul-americana. Ao todo, o ex-líder da Coluna passou cerca de três anos na União Soviética, de 1931 a 1934. Podemos definir este período de *primeiro exílio soviético*²⁴ –, que antecedeu a sua filiação ao PCB, ocorrida em 1934, e o momento dos preparativos para uma revolução comunista no Brasil, que culminaria com os levantes de 1935.

Vejamos como Luiz Carlos Prestes é apresentado neste período pelos seus biógrafos, focalizando as diferenças de ambos, a começar pelo que chamamos de formação do sujeito soviético²⁵ durante o exílio comunista.

²⁴ O segundo exílio soviético é o período que vai de 1971 a 1979, quando Prestes e sua família exilaram-se em Moscou devido à perseguição do regime militar.

²⁵ Os pesquisadores Claude Pannetier e Bernard Pudal (2014) compreendem que a ideia de “sujeito comunista” ganhou forma a partir, principalmente, do colapso dos regimes comunistas entre os anos de 1989-1991 no contexto da abertura dos arquivos estatais e partidários. Momento também que *documentos do ego*, no dizer dos

Jorge Amado (2011), como comunista, construiu de forma idealizada a experiência de Prestes na União Soviética nos anos 1930, chamando o país de “pátria dos trabalhadores do mundo”, bem como a pátria da ciência, arte, cultura, beleza, liberdade e justiça humana. O autor exaltou a experiência soviética, apresentando as transformações do povo russo, comparando com o que foi a Rússia do passado, marcada pela exploração e as injustiças sociais.

Só é possível compreender tal idealização fabricada por Jorge Amado quando entendemos o momento em que o baiano escreveu. Filiado ao Partido Comunista desde os anos 1930, o projeto intelectual e político de Amado no início dos anos 1940 afinava-se com o projeto de uma política cultural do próprio PCB, que em 1942 estava profundamente atrelado à figura de Luiz Carlos Prestes. Segundo Antônio Albino Cabelas Rubim (1995), dentro desta política cultural, a presença do líder comunista no PCB reforçou um polo de gravitação de intelectuais, que impulsionaram uma produção significativa²⁶ a partir dos anos de 1940.

Nesta lógica, a experiência de Prestes na chamada *pátria dos comunistas* foi recriada de forma a exaltar a URSS, coerente com a *mística* que o PCB fundamentou ao longo dos tempos, segundo Jorge Ferreira (2002). Tal *mística* produziu, ao longo do século XX, uma cultura

organizadores da coletânea, possibilitaram uma discussão mais firme sobre as tipificações do chamado *homo sovieticus*. De acordo com os autores, não é o caso de uma terminologia que procure essencializar a identidade soviética; a proposta é usar o termo como um atalho, em vista de estudar as complexas reelaborações da autoidentificação que estão associadas à revolução russa. Entre as diversas facetas deste sujeito comunista, a noção de lealdade, os hábitos de expurgos, a ideia de que todo cidadão soviético, *a priori*, é um militante comunista e a concepção da famosa felicidade comunista expressa na adesão ideológica como um segundo nascimento. Svetlana Aleksievitch (2016) explorou algo parecido em seu *O Fim do homem soviético*, problematizando as continuidades e as discontinuidades de um tipo peculiar de homem, que ela chama de *homo sovieticus*. Este teria sido formado no laboratório do marxismo-leninismo ao longo de 70 anos.

²⁶ Para Antônio Albino Canelas Rubim (1995), o PCB foi um partido mantido na ilegalidade durante a maior parte da sua existência e que, no entanto, soube se instalar solidamente no coração da produção, em áreas inteiras do processo cultural, em períodos importantes da história nacional recente em redes de organização, produção e difusão de cultura, como escolas do Partido, jornais, revistas, editoras, livrarias, produtoras e distribuidoras cinematográficas, gravadoras, oficinas de arte, grupos de música, canto, teatro, dança, instituições e encontros culturais, dentre outras. Para o autor, “a teia expande-se e penetra de modo fino e, por vezes imperceptível, em inúmeras instituições destinadas a organizar, produzir ou difundir socialmente bens simbólicos” (RUBIM, 1995, p. 22).

política comunista. De acordo com Rodrigo Pato Sá Motta (2013), tal cultura política tinha entre outras características: “a crença na razão, na ciência, no progresso, como fundamentos para construção de uma sociedade socialista, em que os homens seriam libertados das forças do ‘atraso’ social e da tradição” (MOTTA, 2013, p. 21-22).

Podemos ver que essa cultura política comunista se encontra muito fortemente nas ideias de Jorge Amado (2011), em sua biografia do líder revolucionário. Nesta cultura política, o culto à figura dos líderes e ao partido pode ser compreendida como o fundamento indispensável “à sacralização de líderes e instituições, [que] produziu sua própria liturgia, assim como textos dogmáticos (o marxismo-leninismo)” (MOTTA, 2013, p. 23).²⁷

A partir deste entendimento, percebemos na narrativa de Jorge Amado que os anos na URSS foram os mais felizes para seu biografado. Lá ele foi empregado como engenheiro, conheceu o país em seus detalhes, viu como “eram atacados e resolvidos os problemas” (AMADO, 2011, p. 216), além de ter estudado com rigidez um programa do marxismo-leninismo.

Na mesma linha, Boris Koval (2007) compreende a experiência de Prestes na URSS:

Pedro Fernandes, o nome usado por Prestes, ao chegar a Moscou começou logo uma atividade intensa. Inicialmente ele se surpreendeu e admirou tudo. O Kremilin, a Praça Vermelha. O povo nas ruas das cidades. Em toda parte, cartazes, retratos dos líderes, faixas vermelhas (KOVAL, 2007, p. 169).

Assim como Amado, nesta idealização não cabem contradições, desacordos ou críticas, “sentiu a União Soviética como o centro mais avançado e justo, mais revolucionário, protótipo da

²⁷ Entretanto, cabe uma ressalva visto que tal reflexão não é algo exclusivo no campo progressista, e que todas as correntes políticas, desde os liberais com a defesa da propriedade privada, os fascistas com a defesa do líder, os comunistas com a defesa da revolução, os sociais-democratas com a defesa da conciliação de classes, os anarquistas com a defesa da insurreição etc. têm alguns valores próprios estabelecidos de forma relativamente canônica, não sendo propriamente toda corrente política uma religião e sim dogmas, que vão sendo seguidos por seus ideólogos.

futura sociedade socialista. Ele estava disposto, com interesse e responsabilidade, a aderir a todos no trabalho criador da paz” (KOVAL, 2007, p. 169)²⁸.

Aarão Reis (2014) e Anita Leocadia Prestes (2015), entretanto, seguem outro caminho interpretativo, procurando apresentar “os percalços” do biografado e sua família em outro país, naquele início dos anos 1930. Aarão Reis, por exemplo, procurou contextualizar o que era a União Soviética, apresentando-a como um país em construção, que vivia a experiência da fase final do Primeiro Plano Quinquenal²⁹, desfechado em 1928. O autor optou por mostrar as condições difíceis em que a família Prestes viveu naqueles anos, bem como contextualizar a realidade socioeconômica do país soviético. “No início dos anos 1930, Moscou ainda não passava de uma ‘grande aldeia’, como os russos a chamavam, marcada pelas construções em madeira e por meios de transporte rudimentares” (REIS FILHO, 2014, p. 149).

O biógrafo utiliza a memória do líder comunista, que narrou anos depois as dificuldades enfrentadas por ele e sua família, como a comida racionada e de má qualidade, o desabastecimento de produtos básicos e fracionamento de práticas de higiene: “banhos só em locais apropriados, pois não costumava haver chuveiros ou banheiras nos apartamentos comuns; o banho diário não era uma tradição naquelas terras frias. Tormento mesmo era ficar sem calefação, o que podia eventualmente acontecer” (REIS FILHO, 2014, p. 149).

²⁸ Criador da paz, tal termo lembra, não por acaso, o livro de viagens de Jorge Amado, publicado em 1951, intitulado *O Mundo da Paz*. Nesta obra, o escritor baiano relata as bonanças dos países soviéticos, no período pós-guerra e começo da Guerra Fria, o que lhe rendeu o Prêmio Stalin. A partir das divulgações dos crimes cometidos por Stalin a partir de 1957, Jorge Amado foi pouco a pouco se distanciando do PCB, optando depois por proibir novas impressões do livro, que não consta na sua obra completa lançada primeiramente pela Editora Record e, mais recentemente, pela Companhia das Letras.

²⁹ Os planos quinquenais foram um instrumento de planificação econômica implantado por Stalin na antiga União Soviética, com o objetivo de estabelecer prioridades para a produção industrial e agrícola do país para períodos de cinco anos. Visando tornar a URSS autossuficiente, neles se determinavam as metas, por setor econômico, do que seria investido e o do que seria produzido. Considerava-se crime contra o Estado o não cumprimento das metas de produção estabelecidas. O primeiro plano quinquenal foi justamente de 1928 a 1932.

Entretanto, no final do relato, o historiador, baseado no próprio depoimento do revolucionário, conclui: “Prestes, a mãe e as irmãs empolgavam-se, apesar dos problemas que enfrentavam. Tratava-se de reconstruir um mundo e isso tinha o seu custo. Na tradição dos ‘homens da Coluna’, queriam viver as condições comuns aos cidadãos soviéticos, sem regalias ou privilégios” (REIS FILHO, 2014, p. 150).

Também baseada nas memórias de Prestes, Anita Leocadia Prestes (2015) empreendeu um relato da experiência do seu biografado desde sua chegada à União Soviética, quando fez “uma viagem terrível” com sua família, tendo narrado em entrevista que ninguém os esperava na estação. Além disso, “Leocadia e as filhas foram hostilizadas pela massa popular que as identificava como damas burguesas por causa dos trajes ocidentais que vestiam” (PRESTES, 2015, p. 140-141).

Anita Leocadia Prestes (2015) narra as primeiras dificuldades e problemas com um oficial que chegava bêbado todas as noites atrapalhando o sono dos brasileiros recém-chegados, a alimentação considerada “horível”, além da falta de abastecimento de alimentos e produtos de primeira necessidade, sem contar o frio de Moscou, já salientado na biografia de Aarão Reis (2014).

Em todas as biografias, o exílio é visto como um período de *aprendizado* da língua russa, da cultura soviética, do marxismo-leninismo, do fazer revolucionário, mas também da colaboração ao projeto comunista como engenheiro, em obras pelo país. Entre os biógrafos, é Anita Leocadia Prestes (2015) que mais foca neste aprendizado, em trechos em que relata que o brasileiro se aprofundou nos estudos do marxismo-leninismo: “a IC designou alguns professores – de Economia Política, Filosofia, História do PCUS e também de russo – que iam à sua casa” (PRESTES, 2015, p. 143). Ainda sobre os estudos, a autora afirma: “ele reconhecia sua condição de cristão-novo no marxismo e, dessa maneira, seguia os ensinamentos dos soviéticos, sem condições de questioná-los, tornando-se presa do dogmatismo então reinante no movimento comunista internacional” (PRESTES, 2015, p. 146).

Se Amado (2011) viu nesta aprendizagem um “Luís Carlos Prestes, condutor do proletariado mundial” (AMADO, 2011, p. 217), e Anita Leocadia Prestes como um aprendiz de comunista, Koval (2007), com base em uma entrevista feita com o brasileiro nos anos 1970, permite-nos observar essa aprendizagem com outros olhos. Em determinado momento da narrativa, o biógrafo russo afirma que Prestes confessou que teria se surpreendido com “o estranho entrelaçamento do entusiasmo, crença fanática em Stálin e no Partido Comunista Russo – bolchevique e o medo oculto e latente de repressões e prisões” (KOVAL, 2007, p. 171). E transcreve um trecho em que Prestes afirma: “eu achava necessária a violência para liquidar os camponeses ricos, mas as repressões em relação aos próprios membros do Partido e, sobretudo, seus quadros dirigentes eram absolutamente estranhos e incompreensíveis. Eu não conseguia entender a oposição, simplesmente confiava em Stálin” (PRESTES, s/d apud KOVAL, 2007, p. 171).

O trecho soa estranho e diverge, de certa maneira, de várias outras entrevistas de Prestes, que sempre foi bastante cauteloso em criticar o regime soviético, mesmo quando se afastou do PCB, em 1980. De toda forma, dentro de seu papel de intérprete do biografado, Koval (2007) analisa a referida passagem com as seguintes palavras: “esta confissão de Prestes indica que ele, naquela época, não entendia bem não apenas a teoria do comunismo, mas também a realidade soviética. Muitos, então, na URSS e no mundo, estavam equivocados a respeito” (KOVAL, 2007, p. 171).

Os quatro biógrafos evidenciam a passagem de Prestes como engenheiro em um escritório central de uma grande companhia estatal e depois como funcionário do Instituto Agrário, onde teria assumido a função de assessor de informações. Como engenheiro, teria denunciado sabotagens ao sistema e tentativas dos opositores de tentar convencê-lo a se transformar em adversário do regime.

Dos biógrafos, Aarão Reis (2014) é o único que questiona certas informações que foram naturalizadas, segundo o biógrafo, neste primeiro período soviético. Uma delas é sua passagem como engenheiro em uma companhia estatal. De acordo com o historiador:

A tradição oral familiar sustenta que Prestes trabalhou nessa companhia o tempo todo em que permaneceu na URSS até fins de 1934. No entanto, até hoje ainda se conseguiram evidências a respeito de um trabalho continuado, ou do tipo de serviço que teria desempenhado. Seu pouco domínio da língua russa sugere dúvidas sobre uma atividade profissional permanente entre os nativos. O que não significa que nunca tenha trabalhado. É certo que participou, como era então comum, de “trabalhos voluntários”, os chamados “sábados comunistas”, o que lhe facultou inclusive a percepção de “constantes sabotagens” (REIS FILHO, 2014, p. 150).

É perceptível como o biógrafo coloca em dúvida certas verdades, indicando que “a tradição oral”, produzida por sua mãe e irmãs, poderia não ser tão correta como se imaginam. A afirmação: “o que não significa que nunca tenha trabalhado”, oferece ainda o questionamento que quebra completamente, por exemplo, com a ideia fixa de Prestes enquanto indivíduo produtivo e trabalhador na engrenagem soviética.

Um dos pontos mais presentes nas biografias são as tensões que envolveram a filiação de Prestes ao PCB. Havia uma resistência desde o final da década de 1920, por parte do Comando Central do Partido, em admitir o líder da Coluna em suas fileiras. O argumento estava baseado em toda uma ideologia que consistia em compreender o *Prestismo*³⁰ como pequeno-burguês e, portanto, um concorrente na busca por uma revolução socialista.

³⁰ Compreendo que o conceito de Prestismo assumiu diferentes significados ao longo do século XX e neste século XXI. Se no final da década de 1920, quando do fim da Coluna Miguel Costa-Prestes, era visto como sinônimo de um movimento pequeno-burguês, como pregava os militantes do PCB, nos anos 1940, tornou-se a principal corrente do mesmo partido, como sinônimo do legado de Prestes como Secretário-Geral a partir daí. Com a saída do líder comunista do PCB em 1980, o Prestismo tornou-se um movimento político dos seguidores de Luiz Carlos Prestes. Nas palavras de Laércio Souto Maior (2006), tal movimento “mantém vivo em todos os Estados brasileiros o ideário, os ensinamentos e o exemplo de luta do Cavaleiro da Esperança. O Partido Comunista Marxista-Leninista é o mais forte agrupamento prestista do Brasil. Surgiu na Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro e realizou seu I Congresso Nacional nos dias 02, 03 e 04 de fevereiro de 1996. Outro

O fato é que sua ida para a União Soviética passava pelo crivo dos russos e do Comitê Latino-Americano, que, com o tempo, admitiu primeiramente Prestes como membro do Partido Comunista da União Soviética. Nesta conquista, estava à mão de Manuilski³¹, um importante nome das articulações comunistas junto à Internacional Comunista.

Entre os biógrafos, Jorge Amado (2011) praticamente silencia a questão da filiação de Prestes ao PC brasileiro. Não há detalhes, afirma apenas que seu biografado foi admitido no PCB. Assim como em boa parte da biografia, o escritor baiano procura minimizar os conflitos, suavizar as tensões ou simplesmente silenciar as polêmicas que envolvem a trajetória de Prestes.

Boris Koval (2007) se utiliza de documentos do arquivo russo para reconstituir o processo de filiação de Prestes ao PCB. Para isso, procura dar mais visibilidade aos quadros russos, que possibilitaram a aproximação dos comunistas brasileiros com o líder da coluna tenentista. O exemplo é a figura de Manuilski, nomeado chefe da seção da América Latina em 1931, mais conhecido, segundo ele, como Sinani.

Para o biógrafo russo, Luiz Carlos Prestes passou por alguns constrangimentos em diversas situações, com destaque para reuniões, como a conferência ocorrida em 1934, sobre a América Latina, quando o ex-líder tenentista foi confrontado com o seu passado, tendo sido taxado de “pequeno-burguês”. Para Koval (2007), o objetivo era impor um ponto de vista sobre o tenentismo e questões sobre a revolução latino-americana, e, ao mesmo tempo, “esmagar” politicamente Prestes e os prestistas. Sinani queria muito “dar uma lição” aos comunistas latino-americanos, que, sem a sua direção, na opinião dele, “só cometiam erros”.

agrupamento atuante é a Corrente Comunista Luiz Carlos Prestes, no Estado do Rio Grande do Sul. O Núcleo Luiz Carlos Prestes – NLCP, organismo da juventude do PDT do Rio de Janeiro, também defende, divulga e preserva a memória e o pensamento de Luiz Carlos Prestes, bem como o CENPRE – Centro Cultural Luiz Carlos Prestes, da cidade de Santos, São Paulo. Recentemente, surgiu no Nordeste brasileiro, o Movimento Comunista Carlos Prestes” (SOUTO MAIOR, 2006, p. 87).

³¹ Dmitriy Manuilsky, ou Dmytro Zakharovych Manuilsky, nascido em 1883 na Ucrânia e falecido em 1959, foi um militante comunista judeu que exerceu uma grande influência na Internacional Comunista nas décadas de 1920 e 1930.

Depois de chamar Sinami de “pérfido” e “terrível”, Koval (2007) compreende que o julgamento de Prestes foi rigoroso e injusto. Na conferência, vários representantes criticaram o *Prestismo*, chamado de reacionário, pequeno-burguês, corrente das classes dominantes, etc.

Aarão Reis (2014) segue uma linha semelhante à de Boris Koval (2007). O biógrafo explica o “mal-estar” do *Prestismo*, visto como algo a ser exorcizado pelos comunistas brasileiros. Entretanto, o historiador vai além do fato de buscar compreender este temor porque seu carisma poderia ser bem maior do que o Partido. Para isso, ampara-se no conceito de cultura política, explicando o processo de proletarização do PCB, compreendendo que Prestes era um adepto, como também um produto desta cultura:

Diria ele mais tarde que “toda a instrução que recebi em Moscou foi à luz do VI Congresso”. Desde 1930, quando começara a aproximar-se dos comunistas, o que o fascinara – e seduzira – foram as concepções polarizadas, íntegras, sem concessões ou meios-termos, preto no branco, sem tonalidades cinzentas. Bem ao estilo de seu caráter e temperamento. Promessas de lutas abertas e decisivas (REIS FILHO, 2014, p. 164).

Anita Leocadia Prestes (2015) segue mais ou menos a mesma linha de interpretação de Koval (2007) e Aarão Reis (2014). A biógrafa detalha as dificuldades e as várias recusas de entrada no Partido, o papel das conversas com Manuilski neste processo³². Baseada nos depoimentos do próprio Prestes, bem como nos extratos de protocolo de atas das reuniões presentes nos arquivos russos, destacou primeiramente o famoso “soco na mesa” dado por Manuilski exigindo, depois, via telegrama, o ingresso do ex-líder tenentista no PCB. A historiadora apresenta, então, por meio de documentos, as motivações que levaram Prestes ao comunismo: a especulação teórica em busca da solução de um problema político.

³² William Waak (1993) acusou Prestes de ter comprado a sua entrada no PCB através de uma negociação com o Komintern. “Prestes escondeu até o final de sua vida um fator de peso para sua entrada no clube da revolução mundial: dinheiro” (WAAK, 1993, p. 43). Entre os biógrafos de Prestes, Anita Leocadia Prestes e Aarão Reis refutaram tal tese, considerada inconsistente.

É necessário compreendermos que a filiação de Prestes ao PCB se deu justamente quando a ideia de uma revolta armada iminente no Brasil era construída no escritório de representação da América Latina e quando surgiu o protagonismo da figura de Miranda, ou Queiroz, como ficou conhecido Antônio Miranda Bonfim³³, um baiano que se tornou Secretário-Geral do PCB.

Três das narrativas biográficas, a de Koval, Aarão Reis e Anita Leocadia Prestes, destacam o acontecimento marcante que protagonizou Miranda no contexto do planejamento da revolta, quando da chegada a Moscou da delegação brasileira do PCB, formado pelo Secretário-Geral e mais quatro militantes: Lauro Reginaldo da Rocha, o Bangu, também do Bureau Político; José Caetano Machado, da direção política do Nordeste; Elias da Silva, o André, marítimo, e Valdovino, operário do estado do Rio de Janeiro.

Nesta conferência, Miranda, seguindo os parâmetros já estabelecidos desde os meandros de 1933, defendeu a ideia da preparação da luta armada no Brasil. O Secretário-Geral do PCB defendia a ideia de que o Brasil vivia uma ebulição revolucionária, em que várias manifestações populares estavam conscientes e potencialmente revolucionárias, a exemplo do Cangaço.

Sobre a conferência, Boris Koval (2007) defende que Miranda desempenhou um papel extremamente negativo ao afirmar que “o proletariado está agora à frente da contra-ofensiva das massas” (KOVAL, 2007, p. 188) (*sic*). O biógrafo russo demonstra o protagonismo de Miranda na mudança do entendimento dos soviéticos quanto à situação revolucionária brasileira. Assim, Koval (2007) exime seu biografado de qualquer erro cometido naquele momento. Para o historiador russo,

³³ Antônio Maciel Bonfim (1905-1947), político baiano, de codinome Miranda, foi militante na Bahia, tendo participado da Liga de Ação Revolucionária (LAR) e ocupado o posto de secretário da organização, movimento articulado por Luís Carlos Prestes em Buenos Aires durante o mês de maio de 1930 por ocasião de seu rompimento com a Aliança Liberal e em virtude de divergências com o Partido Comunista Brasileiro, então Partido Comunista do Brasil (PCB). A organização dissolveu-se logo após a vitória da Revolução de 1930 (PEREIRA, 2006).

Justamente Miranda e Sinani defendiam ativamente esta idéia, aplicada ao Brasil. O primeiro queria se destacar diante do Comitê Executivo do Komintern e mostrar seu revolucionarismo. O segundo contava com transformar o Brasil na segunda “China Vermelha” (KOVAL, 2007, p. 188) (*sic*).

Já Prestes, segundo o historiador russo, “tentou, ainda que timidamente, expressar dúvidas em relação à existência de situação pré-revolucionária, mas foi interrompido grosseiramente” (KOVAL, 2007, p. 190).

Diferentemente de Koval (2007), Aarão Reis (2014), ao analisar a mesma documentação do arquivo soviético, defende que Prestes, além de participar ativamente das reuniões, apesar de ter aparentado certo mal-estar, não foi passivo às ideias mirabolantes de Miranda. Para o biógrafo:

As avaliações dos dirigentes brasileiros, com exceção de Elias/André, mais sóbrio, logo marginalizado, eram simplesmente fantásticas. O Partido dirigia greves operárias importantes, com asa dos marítimos, com dezenas de milhares de adesões, e suas instâncias estavam recheadas de operários “transbordantes de entusiasmo”. No campo havia algo “especificamente novo” – “as massas começaram a luta armada”, através de guerrilheiros. Miranda dava detalhes: “na Bahia, os guerrilheiros constituem destacamentos de umas 1.500 pessoas armadas de metralhadoras, provindas de caminhões (...). Lampião e seus partidários são guerrilheiros cujo nome e façanha correm de boca em boca” (REIS FILHO, 2014, p. 165-166).

Aarão Reis (2014) então questiona e lança uma dúvida: “não era exatamente isso que Prestes escrevera? Que havia a hipótese dos cangaceiros serem aproveitados na formação de “um grande movimento de massas contra o feudalismo e o imperialismo?” (REIS FILHO, 2014, p. 166). O historiador interpreta que Miranda era “bom de lábia”, que fala o que os outros queriam ouvir, típica cultura política do VI Congresso. O historiador defende, então, que Prestes em nenhum momento foi inocente do planejamento do projeto revolucionário. Não só ele, visto que “os dirigentes de Moscou (não todos, mas especialmente Manuiski) acreditaram nisso porque era nisso que queriam acreditar. Era o que queriam ouvir e ver” (REIS FILHO, 2014, p. 167).

Anita Leocadia Prestes (2015) se dedica a analisar os mesmos fatos e a mesma documentação presente no arquivo russo, utilizado por Koval e Aarão Reis. Fica evidente, mais uma vez, a postura da biógrafa em relação ao seu biografado, bem como a necessidade de indicar um culpado em potencial –, no caso, Miranda.

A historiadora se utiliza de termos fortes para definir a maneira como Miranda criou a ideia da existência de uma situação pré-revolucionária no Brasil. Segundo Anita Leocadia Prestes (2015), é possível detectar nas atas o “caráter fantasioso e triunfalista das informações transmitidas” (PRESTES, 2015, p. 150) de Miranda. Chama ainda de “chocante” o relato do mesmo quando afirma que o Brasil vivia uma profunda crise revolucionária no país, que camponeses, proletariado e cangaceiros estavam prontos para uma luta. A historiadora chama de “peroração de Queiroz”³⁴, a afirmação de que o Brasil se unificava em torno do PC, com as Forças Armadas tendo cerca de 70% de soldados simpatizantes com o PCB.

Diferentemente de Boris Koval (2007) e Aarão Reis (2014), a historiadora não citou a postura ou a reação de Prestes durante as conferências. Pelo contrário, procurou explicar os motivos que levaram à não resistência diante da situação. “Naquele momento, Prestes, no exílio havia anos, desconhecia a real situação do país e a efetiva influência do PCB na sociedade brasileira” (PRESTES, 2015, p. 153).

Desta maneira, percebemos claramente por parte de Anita Leocadia Prestes (2015) uma tentativa de justificar os erros e as omissões de Luiz Carlos Prestes, enquanto Koval (2007) defende a ideia de que, conscientemente, o mesmo tentou questionar o teor fantasioso da realidade brasileira; já Aarão Reis (2014) compreende que o líder comunista foi conveniente com a questão do caráter revolucionário no Brasil.

Definindo o estágio revolucionário brasileiro, os dirigentes soviéticos apressaram em planejar uma linha de auxílio para o processo de revolução. Desta maneira, ficou decidido que

³⁴ Queiroz era um dos vários codinomes utilizados por Miranda em sua atuação como dirigente do PCB.

uma equipe de experientes comunistas viajaria para o Brasil e a outra determinação era a volta do agora líder comunista para o país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Josélia. *Jorge Amado: uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2018.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *O Fim do Homem Soviético*. Tradução: Lucas Simone. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

AMADO, Jorge. *Vida de Luiz Carlos Prestes: el caballero de la esperanza*. Buenos Aires: Editora Claridad, 1942.

AMADO, Jorge. *O Cavaleiro da Esperança: vida de Luís Carlos Prestes*. São Paulo: Martins Fontes, 1945.

AMADO, Jorge. *O Cavaleiro da Esperança: vida de Luís Carlos Prestes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BASTOS, Abguar. *Prestes e a Revolução Social*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BELLOCCHIO, Mario. *Luminoso Boedo: la aventura de Antonio Zamora y su editorial Claridad*. Buenos Aires: Ediciones Cicaes, 2016.

CARONE, Edgard. *O Tenentismo*. São Paulo: Difel, 1975.

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAVALCANTE, Berenice. *Certezas e ilusões: os comunistas e a redemocratização da sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: EDUFF; Tempo Brasileiro, 1986.

DAVIDOV, V. M. Sobre o autor, o livro e seu herói. In: KOVAL, Boris (Org.). *Heroísmo Trágico do século XX: o destino de Luiz Carlos Prestes*. Tradução: Clarice Lima. São Paulo: Alfa-Ômega, 2007. (p. XI-XV).

- FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito: cultura e imaginário dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: EDUFF; Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil (sua história)*. Tradução: Maria da Penha Vilalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz; EDUSP, 1985.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A Cultura política comunista. In: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Orgs.). *Comunistas Brasileiros: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. (p. 15-38).
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Batalhas em torno do mito Luiz Carlos Prestes. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 02, n. 34, p. 91-115, 2004.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.
- KOVAL, Boris. *Heroísmo Trágico do século XX: o destino de Luiz Carlos Prestes*. Tradução: Clarice Lima. São Paulo: Alfa-Ômega, 2007.
- PENNETIER, Claude; PUDAL, Bernard. *Sujet communiste: identités militante et laboratoires du "moi"*. Rennes: Press Universitaires Rennes, 2014.
- PEREIRA, Raimundo. Antônio Maciel Bonfim (Miranda): um esboço biográfico. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 36, n. 72, p. 173-194, 2016.
- PRESTES, Anita Leocádia. *Os Comunistas Brasileiros (1945-1956/58): Luiz Carlos Prestes e a Política do PCB*. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. *Marxismo, Cultura e Intelectuais no Brasil*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.

SANTOS, Davino Francisco dos. *A Coluna Miguel Costa e não Coluna Prestes*. São Paulo: Edicon, 1994.

SILVA, Hélio. *1922: Sangue na Areia de Copacabana*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

SOUTO MAIOR, Laércio. *Luiz Carlos Prestes na Poesia*. Curitiba: Travessa das Editoras, 2006.

WAAK, William. *Camaradas – nos arquivos de Moscou: a história secreta da revolução brasileira de 1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.